

Maria Gadú finaliza
turnê com show
no Circo Voador

PÁGINA 2



Cinema iraniano
desafia a censura
em seu país

PÁGINA 10



Um roteiro com
rabanadas para
todos os paladares

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

'Sou Barítono com paixão'

Jorge Bispo/Divulgação

Após um ano de apresentações pelo Brasil e pelos EUA, Lulu Santos encerra turnê 'Barítono' com dois shows no Vivo Rio

Por **Affonso Nunes**

Lulu Santos encerra neste fim de semana sua turnê "Barítono". Serão duas apresentações neste sábado e domingo (21 e 22) no palco do Vivo, fechando uma série de shows pelo Brasil e nos Estados Unidos. Como não poderia deixar de ser, Lulu celebra seus 70 anos de vida e 50 de carreira com um repertório repleto de hits inesquecíveis.

Perguntado sobre o nome da turnê, Lulu abre o coração. "Admiti tardiamente coisas importantes sobre mim, entre elas o fato de ser um barítono, cantor de tessitura vocal grave. Desde que 'assumi' essa condição, facilitou enormemente minha vida e arte", explicou o músico na época do lançamento da turnê há um ano.



Lulu revela que o primeiro passo desse processo de aceitação de sua voz se deu em 2000. "Foi quando gravei e lancei o álbum 'Acústico'. Ali, por conforto e sabedoria, baixei um tom de boa parte do repertório e funcionou perfeitamente", recorda Lulu, um artista que sempre primou pelo extremo profissionalismo.

Agora, 20 anos depois, a chave virou de vez. "Percebi que se baixasse mais um tom, algumas canções voltaram a ser cantáveis sem sobressaltos ou esforço. A chave deste entendimento foi 'Esse brilho em seu olhar', do álbum 'O Ritmo do Momento' que nunca esteve tão confortável e dentro do meu alcance desde que a fiz em 1983", comenta.

"Sou Barítono com paixão, gosto dos graves, gosto de como minha voz soa nesta região. É com essa intenção e propósito que chegamos a este espetáculo no qual oferecemos, como de hábito, nosso melhor", acrescenta o músico, que no palco terá a companhia dos músicos Tavinho Menezes (guitarras), Hiroshi Mizutani (teclados), Jorge Aílton (baixo e vocais), Sérgio Melo (bateria) e Robson Sá (vocais e percussão).

No repertório, Lulu vai lembrar sucessos absolutos de sua vitoriosa carreira como "Toda Forma de Amor", "Um Certo Alguém", "O Último Romântico", "Sincero", "Adivinha o Quê", "Tempos Modernos", "Tudo com Você", "Sábado à Noite", "Condição", "Aviso aos Navegantes", "Assim Caminha a Humanidade", "Lua de Mel", "De Repente Califórnia", "Como uma Onda e "A Cura", entre outros.

SERVIÇO

LULU SANTOS - BARÍTONO

Vivo Rio (Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) 21 e 22/12, sábado (21h) e domingo (20h)

Ingressos a partir de R\$ 60 (meia) e R\$ 120

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Fernanda Torres tem atuação impecável no longa

'Ainda Estou Aqui' concorre a melhor filme ibero-americano

Em sua corrida por grandes prêmios internacionais, "Ainda Estou Aqui" acaba de ser indicado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas da Espanha aos Prêmios Goya, a maior premiação do cinema espanhol, que se realiza em 8 de fevereiro. O longa de Walter Salles, com Fernanda Torres, Selton Mello, e participação especial de Fernanda Montenegro, concorre a Melhor Filme Ibero-Americano, categoria que pela primeira vez recebe um filme brasileiro na disputa.

"A indicação aos prêmios Goya é uma honra, e agradecemos à Academia de Cinema da Espanha nesta semana em que o cinema está de luto. Estou muito triste com a perda da atriz extraordinária que era Marisa Paredes, pela qual nos apaixonamos nos filmes dos mestres Pedro Almodóvar, Fernando Trueba, Agustí Villaronga e Arturo Ripstein, nos papéis complexos e profundamente humanos que ela abraçou", comenta Salles, que em 2005, com "Diários de Motocicleta" venceu o prêmio de Melhor Roteiro Adaptado.

Disputa vai se afunilando no Oscar

Nesta semana, o longa de Walter Salles também avançou na corrida pelo Oscar ao ser selecionado, entre 85 filmes, para a seleta shortlist, encerrando um período de mais de 15 anos em que o Brasil não chegava à fase de pré-seleção do evento. "Ainda Estou Aqui" agora concorre com outros 14 títulos por uma das cinco vagas na categoria de Melhor Filme Internacional, que serão anunciadas no dia 17 de janeiro.

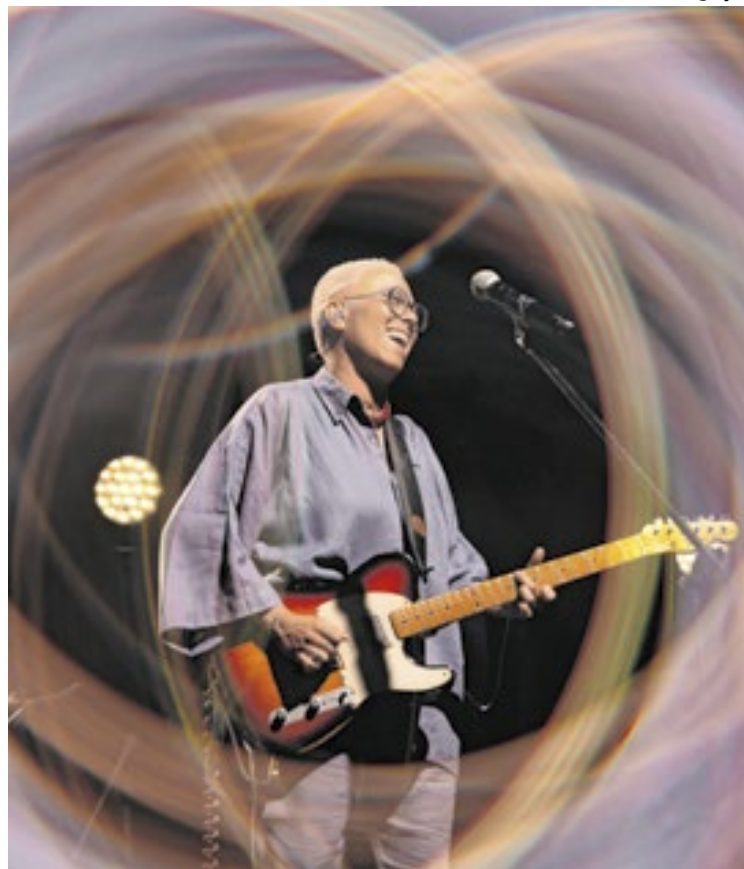
Mais prêmios

No domingo, a produção recebeu o prêmio de Melhor Filme Estrangeiro no New Mexico Critics Awards 2024. O longa também foi indicado na categoria Melhor Filme Internacional para o Satellite Awards, da Academia Internacional de Imprensa.

Ótimos números

"Ainda Estou Aqui" é a maior bilheteria brasileira pós-pandemia, o quinto maior filme lançado no Brasil em 2024, com mais de 2,7 milhões de ingressos vendidos, e segue ganhando reconhecimento da crítica por todo o mundo.

Fontes Dias/Divulgação



Gadú encerra turnê iniciada após período sabático

Maria Gadú repagina seus sucessos no Circo Voador

Cantora e compositora faz o show de encerramento da turnê 'Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor'

Maria Gadú está completando 20 anos de estrada e nesta sexta-feira (20) a cantora e compositora se despede da turnê "Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor" com apresentação no Circo Voador.

Após um tempo dedicado longe dos palcos e dedicado a estudos da história do Brasil e acompanhando a luta indígena de perto com o intuito de aprender e colaborar, Gadú pôde rever sua relação com a música e esse show representa a sua própria passagem pelo

tempo.

Durante esse período sabático, Gadú mergulhou em estudos de antropologia e no ativismo ambiental. Viagrou o mundo espalhando a palavra ao lado de Sonia Guajajara (atualmente, Ministra dos Povos Indígenas), gravou a série "O som do rio", no Rio Tapajós, no Pará, lançou o single "Pássaro d'água", com sons captados da mata, e o clipe "Mundo líquido".

E cantou ainda em alguns eventos dedicados a arrecadar dinheiro para povos indígenas e divulgar campanhas políticas de forças pro-

gressistas. Antes disso, no auge da pandemia, Gadú morou na Amazônia. Ocupou a linha de frente de um movimento de coalisão. Ficava plantava no aeroporto para garantir que o oxigênio chegasse às comunidades indígenas do Rio Negro. É dos povos originários daquela região, aliás, que ela descobriu ter ascendência.

Passado este período longe dos palcos, ele iniciou a turnê em que apresenta seus grandes sucessos com uma nova roupagem, como "Shimbalaiê", "Dona Cila" e "Bela Flor", e algumas regravações de grandes nomes da MPB, como a faixa que dá nome ao seu último disco, composta por Milton Nascimento, e a clássica "Lanterna dos Afogados".

Músicas de álbuns passados que também não estavam presentes nos palcos agora entraram no repertório. E isso só mostra que Maria Gadú sempre foi uma artista que não se prende a fórmulas fáceis.

"Esse show passeia por toda a minha discografia, como uma linha do tempo também. Tem canções de todos os discos e coisas que gravei, mas não costumava cantar em show. É um concerto nostálgico, daquelas coisas para matar saudades mesmo, tanto minha, quanto do público", diz a cantora.

A paulistana Maria Gadú começou a tocar violão ainda criança e a compor na adolescência. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 2006, onde começou a se apresentar em bares e casas de show e chamou atenção por seu ecletismo musical. A artista tem seis álbuns de estúdio e quatro DVDs lançados desde sua estreia fonográfica em 2009. Ao longo de sua carreira, Gadú colaborou com projetos de artistas renomados como Caetano Veloso, Milton Nascimento, Lenine e Ana Carolina, o que consolidou ainda mais seu nome no cenário musical brasileiro.

SERVIÇO

MARIA GADÚ

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
20/12, às 22h (abertura dos portões às 20h)
Ingressos esgotados

Zeca dá adeus a um 2024 de realizações

Sambista faz show de encerramento da turnê de 40 anos de carreira e vai se afastar do palco até meados de 2025, para se dedicar mais à família

Zeca Pagodinho faz neste final de semana o último show de 2024, da aclamada turnê que celebra 40 anos de carreira e seus 65 anos de vida. Após uma grandiosa festa a bordo do Navio Zeca - 40 Anos e dois shows sold out, na Vibra São Paulo, o embaixador de Xerém fecha o ano, com chave de ouro, com o espetáculo deste sábado (21/12), às 21h30, no palco da Farmasi Arena.

No repertório, o artista promete emocionar o público com canções inesquecíveis que fazem parte da sua carreira, e da rica história do samba, proporcionando uma verdadeira viagem musical repleta de sucessos que marcaram gerações.

A apresentação contará com a abertura do Quarteto de Cordas, do Instituto Zeca Pagodinho, que em novembro completou 25 anos de existência. Formado por Isadora Amann (viola), Anna Luiza Cole e Carolina Cardeira (violinos) e Gabriela de Brito (violoncelo), o grupo vai tocar clássicos do patrono da instituição.

Vale ressaltar que, depois desta apresentação, Zeca retende se afas-



Will Aleixo/Divulgação

Zeca Pagodinho durante o show histórico no Engenhão, que abriu a turnê comemorativa de seus 65 anos de vida, 40 deles brilhando no mundo do samba

Divulgação IZP



As jovens instrumentistas do Quarteto de Cordas do Instituto Zeca Pagodinho abrem a noite tocando clássicos do repertório do sambista em formato de música de câmara

tar dos palcos por um período de cinco meses para se dedicar a família, mas logo após, retorna com os shows da turnê e com outros projetos musicais.

Ao longo de quatro décadas, o artista se consolidou como uma das maiores figuras da música brasileira, conquistando corações com sua voz única e talento incomparável.

O pontapé inicial da turnê foi marcado pela gravação de histórico DVD, no Estádio Nilton Santos, o Engenhão. A noite de 4 de fevereiro deste ano, data do aniversário do artista, foi uma noite épica, immortalizando quatro décadas de paixão, ritmo e autenticidade. Artistas renomados como Alcione, Seu Jorge, Jorge Aragão, Xande de Pilares,

Diogo Nogueira, Djonga e Marcelo D2, entre outros surpresas, promoveram momentos mágicos e colaborações únicas, ampliando a celebração para além das fronteiras do samba.

Além de sua carreira musical, Zeca também é reconhecido por seu compromisso com a preservação e promoção do samba. Ele se

tornou um defensor incansável da cultura brasileira, mantendo vivas as tradições do segmento e inspirando novas gerações a se conectarem com suas raízes.

Zeca Pagodinho iniciou sua carreira nas rodas de samba do subúrbio do Rio de Janeiro, entre as quais a lendária roda do Caci-que de Ramos, berço do grupo Fundo de Quintal. Desde criança, circulava entre sambistas de sua geração e das anteriores, até ter o talento revelado pela cantora Beth Carvalho (1946-2019), a grande Madrinha do Samba, na década de 1980.

O sucesso foi rápido e, em poucos anos, já era detentor de diversos prêmios, inclusive quatro Grammys Latinos. No ano de 2021, foi eleito, pela Revista Veja, um dos 30 cariocas que mudaram a história da cidade nas últimas três décadas. Não bastasse seu talento inegável, Zeca é um cara simples, irreverente e carismático, com quem o povo brasileiro se identifica fortemente.

Zeca, que já gravou 24 álbuns de carreira e tem mais de 12 milhões de cópias vendidas. Além disso, o cantor está vivendo momentos intensos desde fevereiro do ano passado, quando foi enredo da Acadêmicos da Grande Rio e também escolheu 2023 para consolidar seu trabalho no exterior. No fim de maio, ele embarcou para uma turnê pelos Estados Unidos e, em outubro, tocou em vários países da Europa, como Portugal, Inglaterra, Espanha e Suíça.

Para além da celebração dos 40 anos de carreira, essa tour especial marca um testemunho do legado duradouro de Zeca Pagodinho. Sua inestimável contribuição para o samba e a música brasileira transcende gerações e será eternizada neste capítulo marcante de sua história.

SERVIÇO

ZECA PAGODINHO

Farmasi Arena (Endereço: Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3401 - Barra da Tijuca) 21/12, às 21h30 (abertura dos portões às 19h30) Ingressos a partir de R\$ 60

Letuce de volta para tocar seu grande álbum

Dupla se apresenta no Rival quase dez anos após sua dissolução

Por Affonso Nunes

Depois de quase uma década longe dos palcos, o duo Letuce comemora os 15 anos do álbum “Plano de fuga pra cima dos outros e de mim” em apresentação nesta sexta e sábado (20 e 21) no Teatro Rival Petrobras. Surgido no Rio em 2008, o duo formado pela cantora, compositora e atriz Letícia Novaes, a Letrux, e o instrumentista e produtor musical Lucas Vasconcellos, o Letuce continua a ser reverenciado por sua contribuição à cena independente, num saudosismo que se deve, particularmente, ao primeiro de seus três álbuns, lançado em 2009 e



Divulgação

Lucas e Letrux se reúnem para celebrar os 15 anos de álbum marcante

que trazia sucessos atemporais como “Potência”, “Êxodo lunar” e “De mão dada”.

Comemorando 15 anos de história do

álbum mais popular da discografia da banda, Letícia e Lucas se juntam aos selos Romaria Discos e Amigues do Vinil para um relança-

mento em vinil que vem sendo planejado ao longo de todo o ano de 2024. O LP, que tem projeto gráfico revisitado pelo designer original e áudio remasterizado, inclui uma faixa bônus inédita intitulada “Baliza”, gravada em 2010 mas nunca antes disponibilizada.

“Tocamos muito essa música nos shows de Letuce, era muito amada pelos fãs mas acabamos nunca lançando”, conta Letícia, que regravou os vocais da faixa neste mês de setembro. O vinil ainda direciona para uma conversa exclusiva entre os dois musicistas sobre os bastidores do álbum. “Estes são os primeiros shows do Letuce em quase 10 anos, são duas apresentações pontuais com gostinho de quero mais”, comenta Lucas, referindo-se às apresentações deste fim de semana e do último dia 1º, na Casa Natura, em São Paulo.

SERVIÇO

LETUCE - 15 ANOS DO ÁLBUM PLANO DE FUGA PRA CIMA DOS OUTROS E DE MIM

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

20 e 21/12, sexta (19h30) e sábado (20h30)

Ingressos a partir de R\$ 80

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Marcos Credie/Divulgação



No esquenta

Neste sábado (21) o Monobloco se apresenta no Circo Voador em show que funciona como um esquenta para o carnaval de rua para o grupo que leva milhares de pessoas às ruas da cidade durante a folia carioca. O repertório é chacoalhante com as versões do grupo para clássicos como “Taj Mahal”, “Fio Maravilha”, “Explode Coração”, “Toda forma de amor”, “Saideira” e “Tropicana”. participação especial de Fernanda Abreu.

Guga Millet/Divulgação



Voando alto

Falando em carnaval de rua, a Orquestra Voadora, conhecida pelo seu desfile, que atrai mais de 300 mil foliões toda terça de Carnaval no Aterro, promove seu primeiro ensaio aberto para o Carnaval 2025 na Fundação Progresso a partir deste domingo (22). O bloco que realiza oficina no local durante todo o ano, começa o esquenta no Espaço Verde. A entrada é gratuita das 16h às 17h e R\$ 20 das 17h às 20h.

Divulgação



É da favela!

Neste sábado (21), o Projeto Favela Brass, realiza, às 17h, na Favela Pereira da Silva, em Santa Teresa, o Baile Brass de Natal, com participação especial da fanfara MixTape Brass Band. Um especial de Natal no já consagrado baile mensal que vai reunir todos os alunos do projeto, com apresentação aberta ao público para comemorar as conquistas de 2024. O repertório especial para o Baile Brass de Natal promete fazer todo mundo dançar. Grátis.

Divulgação



Opções variadas

O fim de semana antes do Natal vai ser animado no Al Farabi. Nesta sexta (20), às 18h, tem Forró do Kiko, grupo reconhecido pela atmosfera psicodélica e sua sonoridade original. No sábado, às 15h, é a vez do projeto Roda na Rua, que comanda sua segunda edição levando rodas de samba gratuitas ao Boulevard Olímpico. Já no domingo, às 15h, a casa recebe uma roda de choro com o consagrado grupo Água de Moringa (foto).



Sesc VERÃO



Saiba mais em
sescverao.com.br

17 jan a 16 fev

Programação gratuita
Classificação etária: livre

Vem viver
mais
diversão

Prepare-se para viver a estação mais vibrante do ano com **lazer, shows, esportes, cultura** e muita energia Sesc. A programação é para toda família e acontece em mais de **25 cidades do Estado**. Vem viver o melhor verão do ano.



Madrigal Cruz Lopes faz concerto de Natal

Missa de Ação de Graças fecha a temporada 2024 do Música no Museu

Neste domingo, 22 de dezembro às 12hs com a missa em Ação de Graças na Igreja da Glória do Outeiro pelos seus 27 anos ininterruptos, Música no Museu traz o Madrigal Cruz Lopes encerrando a sua versão 2024. Foram mais de 230 concertos gratuitos que se juntaram aos milhares de outros realizados nesta sua trajetória registrando um público superior a 1,2 milhão de pessoas nos mais lindos espaços culturais e turísticos não só do Rio de Janeiro como também do Brasil de norte a sul e na sua versão internacional em cidades de países de todos os continentes levando a música e os músicos brasileiros para o exterior.



Divulgação

Madrigal Cruz Lopes participa da missa que fecha o projeto em 2024

Patrimônio Cultural Imaterial do Estado e da Cidade do Rio de Janeiro, o Música no Museu é considerado a série de música de concerto mais longeva do Brasil e que no seu

seio trouxe os maiores autores mundiais nos vários ritmos desde a música antiga, clássicos europeus até a nossa música contemporânea na interpretação dos nomes mais

destacados da nossa música clássica ao lado de seus jovens talentos como um processo de renovação um dos focos do projeto além de orquestras de inclusão social desenvolvidas nas Comunidades visando, também, a ampliação da plateia de consumidores de música clássica.

O Madrigal Cruz Lopes, criado em 6 de novembro de 2002 sempre sob a regência do Maestro José Machado e junto com a Camerata A4, nos seus 23 anos de atividades, tem sido parceiro de Música no Museu que na sua programação privilegia, a cada mês, um tema ou um naipe e nestes se incluem pianos, cordas, percussão e voz além das harpas (RioHarpFestival na sua 20ª versão em 2025) e sorpos (RioWindsFestival na 15ª. versão também em 2025) que convivem com as comemorações de datas redondas dos maiores compositores mundiais.

Na programação, músicas sacras e natalinas encerrando com a Ave Maria e Noite Feliz.

Mas Música no Museu não pára e já no início de janeiro começa a sua temporada 2025 no mesmo modelo das versões anteriores.

Toda a nossa programação e informações estão nos sites www.musicanomuseu.com.br e www.rioharpfestival.com.br.

NOSSO ARTICULISTA COMENTA O FESTIVAL DE CHORO JAZZ DE JERICOACARA, NO CEARÁ

Por **Aquiles Rique Reis***

Eis que na primeira segunda-feira de dezembro, Nilza e eu estávamos num avião no prumo de Jericoacoara, no Ceará. Viajamos a convite de Antonio Ivan Capucho, idealizador e curador do Festival Choro Jazz. Já em sua 15ª edição, com patrocínio da Petrobras, o evento tornou-se itinerante, reunindo músicos de várias partes do Brasil e do mundo para participarem de shows e oficinas em Soure, na Ilha do Marajó (PA); no Crato, no Cariri; em Fortaleza, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura; e em Jeri.

Nossa segunda vez em Jeri: a primeira foi há exatos dez anos. À época, todos os músicos convidados descemos no aeroporto de Fortaleza, onde um ônibus nos aguardava para viajarmos até o município de Jijoca de Jericoacoara. Lá nos dividimos em caminhonetes 4x4, capazes de cruzar o Parque Nacional de Jeri. Anoitecia. Guiadas por conhecedores da região, as jardineiras subiam e desciam as dunas nos faziam sentir como aventureiros a sacolejar, sem entender direito como os motoristas se orientavam para cruzar o caminho, já que era tudo “apenas” areia no chão e estre-

O festival dos festivais

Aquiles Rique Reis



O público acompanha as apresentações na praça da cidade

las no céu. Chegando em Jeri... vento, muito vento! Foi inevitável constatar: é aqui que o vento faz a curva.

Em 2024, pousamos direto no aeroporto de Cruz, município próximo de Jijoca, quando um carro 4x4 conduziu a gente e o violonista Lula Galvão por 35km, até a Vila de Jericoacoara. Chegamos!

A cada dia, de terça a domingo (de 3 a 8/12), foram três shows na praça. Durante o

dia rolavam as oficinas para os jovens da comunidade e os que vieram de outras cidades, inclusive do exterior. Tudo grátis!

Todas as noites, sentávamos em frente ao palco na pracinha de Jeri. Logo na primeira, vieram ao palco o contrabaixista Jorge Helder e o violonista Lula Galvão, que tocaram de Villa-Lobos a Pixinguinha. Até que no domingo rolou a homenagem do festival a Lia de Itamaracá, que realizou um show que

consagrou a ciranda, gênero tipicamente nordestino.

Na oficina de choro do violonista Maurício Carrilho, eu o ouvi dando dicas a Amélia, uma menina clarinetista de Jijoca. Carrilho a instigava a tocar um choro do Jacob... sua lição de casa. Amélia deu o melhor de si. E dois dias depois, lá estava ela assistindo ao show de O Trio, grupo formado por seu professor Carrilho no violão de sete, Pedro Amorim no bandolim e Paulo Sérgio Santos no clarinete. Ao final, Amélia subiu num banco e aplaudiu de pé. Tive vontade de subir na cadeira e me juntar a ela... melhor não, pensei.

Sob às bençãos de Jeri, músicos curtiram os colegas que tocavam. A plateia os ouvia e todos se entreouviam, em irreprimível sintonia libertária e democrática. O Festival Choro Jazz concluía sua missão de levar cultura e música a todos.

PS. Saúdo os realizadores Antonio Ivan Capucho (idealizador e curador do Festival), Aline de Moraes (produtora da Iracema Cultural), Pedrinho Figueiredo (som), Pedro Altman (luz) e Dalwton Moura (assessor de imprensa).

***Vocalista do MPB4 e escritor**

Um jogo dialético entre o ser e o representar

Priscila Prado/Divulgação

Osmar Prado volta aos palcos com montagem de 'O Veneno do Teatro', dramaturgia premiada do catalão Rodolf Sirera e já encenada em mais de 60 países

Osmar Prado está de volta aos palcos em um texto clássico e contundente do espanhol Rodolf Sirera, um dos dramaturgos contemporâneos de maior renome na Europa. Em "O Veneno do Teatro", que entra em cartaz no próximo dia 10 no Teatro I Love Prio, no Jockey Clube, ele divide a cena com o premiado ator Maurício Machado. A direção tem a assinatura de Eduardo Figueiredo, responsável por inúmeros sucessos de público e crítica no teatro nacional.

O espetáculo conta com música ao vivo, executada por Matias Roque e direção musical de Guga Stroeter, tem vários momentos de humor e sarcasmo. Uma obra reconhecida e premiada em vários países, uma espécie de thriller, que trata de temas importantes e atuais. O texto tem abrangência universal ao propor ao espectador uma reflexão pertinente sobre a ética, estética, as máscaras das convenções sociais e o jogo do poder.

Escrito originalmente em catalão, o texto de Sirera já foi traduzido para o inglês, francês, italiano, eslovaco, polonês, grego, português (de Portugal e do Brasil), croata, húngaro, búlgaro, japonês, entre outros idiomas. Foi encenado em mais de 62 países além da Espanha: Inglaterra, França, Venezuela, Polônia, Grécia, Porto Rico, Argentina, México, Estados Unidos e Japão e muitos outros. Encenada pela



Osmar Prado e Maurício Machado encenam 'O Veneno do Teatro', de Rodolf Sirera, em montagem com direção de Eduardo Figueiredo

primeira vez em 1978, a obra coleciona prêmios mundo afora.

A peça foi escrita na década de setenta após a ditadura de Franco no início do processo democrático na Espanha e se

passa na França em 1784, pré revolução francesa, ressaltando o período neoclassicista. Em sua versão brasileira, o espetáculo assume uma postura atemporal, inspirado na década de 20 em Paris.

Em cena, os dois atores criam um jogo sofisticado e surpreendente. "Prado faz uma construção contundente de seu personagem, navegando por diversas matizes ao longo da peça, sem perder seu costumeiro charme cênico e facilidade em colocar humor nas mais tensas falas, o que encanta quem o assiste. E Machado constrói seu ator vedete com tintas fortes, desfilando pelo palco de modo pavoneado, e se aproximando do naturalismo à medida que o texto avança e tal estilo é exigido cada vez mais de seu personagem", destaca o crítico paulista Miguel Arcanjo Prado.

"É uma obra interessante, um jogo dialético sobre o ser e o representar. É uma fábula moral, um thriller em torno do que a arte significa", explica o autor. "Em um momento com tantas adversidades, onde o homem apresenta sérios sinais de retrocesso e barbárie, a obra de Rodolf Sirera nos apresenta uma importante reflexão sobre civilidade, poder e até onde pode ir a crueldade do ser humano", entende o diretor Eduardo Figueiredo.

"O Veneno do Teatro" já recebeu 14 indicações de premiações, inclusive, no 23º Anual Prêmio CENYM de Teatro Nacional, com Melhor Espetáculo do Ano, Melhor Ator (Osmar Prado) e Melhor Ator Coadjuvante (Maurício Machado).

Nascido em Valencia, Rodolf Sirera é um nome importante no cenário teatral em língua catalã. Notabilizou-se com uma dramaturgia que explora temas sociais e políticos de forma profunda e crítica. Além de autor, Sirera também se dedica à tradução de obras teatrais, contribuindo para a divulgação de autores internacionais no cena teatral espanhola. Sua devoção ao teatro se estende à análise e à reflexão sobre a arte dramática. Ele é um crítico e teórico renomado, com diversas publicações sobre o tema.

SERVIÇO

O VENENO DO TEATRO

Teatro I Love Prio (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1110 - Leblon) | De 10/a 19/2, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

SHOW**MAURÍCIO MANIERI**

*o cantor promove uma celebração do cancionero romântico com hits das décadas de 70, 80 e 90 como “Minha Menina”, “Bem Querer”, “Se Quer Saber”, “Cheia de Charme”, “Eu Juro”, “Rock & Roll Lullaby”, “Lady In Red”, “Love Is In The Air” e “Classic”, entre outros. Sáb (21), às 21h30. Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). A partir de R\$ 70

MPB4

*O mais famoso quarteto vocal brasileiro apresenta show em homenagem aos 60 anos do grupo com repertório que reúne clássicos de seu repertório. Sáb (21), às 20h e 22h30. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

PAULO RICARDO

*Depois de percorrer o Brasil e vários teatros e casas de espetáculos, o cantor e compositor apresenta o segundo volume de sua turnê Paulo Ricardo - Voz, Violão & Rock'n'Roll. Sex (20), às 20h e 22h30. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

QUARTETO DO RIO

*Grupo fundado em 2016 por ex-integrantes do lendário grupo Os Cariocas mantém vivo o legado da MPB com suas releituras de altíssima qualidade. Dom (22), às 17h. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

ORQUESTRA FORTE DE COPACABANA

*o grupo retorna ao Forte para mais um concerto de sua série mensal no espaço, com repertório transitando entre obras de Bach, Pixinguinha, Jobim, Milton Nascimento e Melin, entre outros. O evento realizará uma ação de Natal Solidário, com arrecadação de alimentos não perecíveis para doação. Sáb (21), às 17h. Forte Cocabana (Av. Atlântica s/nº). Grátis

DANÇA**O QUEBRA-NOZES**

*Considerado um dos balés mais famosos do mundo, a obra-prima de Tchaikovsky ganha montagem no Theatro Municipal com o ballet, coro e orquestra da casa. Regência do maestro argentino Javier Logioia Orbe. Praça Floriano s/nº. Até 22/12, sex e sáb (19h) e dom (17h). Entre R\$ 20 e R\$ 90



Maurício Manieri

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Daniel Ebendiger/Divulgação



O Quebra-Nozes

TEATRO**IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO**

*O ideário do líder indígena, pensador e ambientalista Ailton Krenak inspira monólogo com Yumo Apurinã, diretor artístico e protagonista do espetáculo. Até 22/12, qui a dom (20h). Futuro - Artes e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

UM LUGAR ONDE A VIDA ACONTECE

*Neste monólogo a atriz e dramaturga Helena Varvaki reúne vivências suas e de mulheres que estão chegando à casa dos 60 anos, revelando no palco suas angústias e expectativas. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 22/12, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Instituto Rudá/Divulgação



Orquestra Forte de Copacabana e Shalom

Daniel Barboza/Divulgação



Um lugar onde a vida acontece

Fotos Antonio Augusto Fontes



Assim é se lhe Parece

Camilla Guimarães/Divulgação



Ideias Para Adiar o Fim do Mundo

Camilla Guimarães/Divulgação



MPB4

EXPOSIÇÃO

GEOMETRIA INQUIETA

*Retrospectiva mapeia o percurso trilhado pelo escultor Ascânio MMM. Até 30/3, de ter a dom (12h às 18h). Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105). R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (quartas-feiras)

FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

*Coletiva que reúne mais de 300 obras e instalações de 200 artistas plásticos e visuais de várias regiões do país que oferecem ao visitante um panorama diversificado do que era o Brasil na conturbada década de 1980. Até 27/1, qua a seg (9h às 20h). CCBB-RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

*O artista plástico campista Edmilson Nunes apresenta nesta individual alguns trabalhos de sua produção mais recente. Em cartaz na Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500). Até 31/1, de seg a sex (12h às 17h). Grátis

ROTA DO CHÁ - BOTÂNICA, CULTURA E TRADIÇÃO

*Exposição conta a fantástica e rica história do chá desde suas origens ancestrais na China até sua disseminação global, com destaque para os rituais, as artes e a evolução social, associados à sua produção e consumo. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

ASSIM É SE LHE PARECE

*Adepto da fotografia analógica e em preto e branco, o mestre Antonio Augusto Fontes apresenta nesta individual 60 trabalhos de sua vasta produção. Até 28/2, seg a sex (11h às 19h). Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432). Grátis

GIRO ABISSAL

*Coletiva reúne trabalhos de 27 artistas, mostrando em suas visualidades dois termos decoloniais importantes: giro decolonial e linha abissal. Em cartaza até 15/1, de seg a sex (10h às 17h). Sala Antonio Berni - Consulado da República Argentina no Rio de Janeiro (Praia de Botafogo, 228/sobreloja - Botafogo). Grátis

SISSON, 200 ANOS

*Mostra reúne 170 obras do ilustrador francês Sébastien Sisson (1824-1898), pioneir das HQs no Brasil. Até 22/1, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, 219). Grátis

CINEMA

MOSTRA HO HO HO

*Nos dias que antecedem a véspera de Natal, as salas do Grupo Estação na Gávea e Botafogo exibem filmes que marcaram época com exibições natalinas, principalmente obras do gênero de fantasia, como "A História Sem Fim" e "O Máskara", de Chuck Russell. R\$ 16

INFANTIL

IDENTIDADE DAS CORES

*Você já pintou seu próprio retrato? Quais as cores que misturadas chegariam próximo ao seu tom de pele? O público É convidado a refletir acerca da sua identidade racial e autorrepresentação como forma de reafirmar seu lugar no mundo. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). Ateliê Aberto - CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66)

QUADRO A QUADRO

*A partir de elementos visuais inspirados em quadrinhos e nas obras da exposição "Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil", o visitante é convidado a montar uma grande página de história em quadrinho de maneira coletiva. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). Ateliê Aberto - CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66)

Divulgação



'Meu Bolo Favorito' arrebatou o Prêmio da Crítica na Berlinale

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Pátria de Mohsen Makhmalbaf, Asghar Farhadi, Abbas Kiarostami (1940-2016) e Jafar Panahi, o Irã mobilizou festivais de peso da indústria cinematográfica este ano (Berlim, Cannes, Locarno e San Sebastián) com aulas de resistência à opressão - "A Semente do Fruto Sagrado" e "Meu Bolo Favorito" - que sofreram repreensões violentas de seu governo. As equipes de ambas as produções foram criminalizadas sob a acusação de ferir a "dignidade" de sua nação, ao falar da paranoia imposta por dogmas religiosos, legislações restritivas e sexismo. A estreia dos dois no Brasil está marcada para 9 de janeiro. São narrativas de resistência ao veto contra a liberdade com denúncias à brutalidade estatal contra as mulheres.

"Sempre que o patriarcado perde, a agressividade aumenta", disse o cineasta Mohammad Rasoulof, em entrevista organizada pela Golden Globe Foundation, que incluiu "A Semente do Fruto Sagrado" entre seus concorrentes à laurea de Melhor Filme de Língua Não Inglesa, a ser entregue em 5 de janeiro.

A produção, cujo título no exterior é "The Seed of the Sacred Fig", é encarada como um dos mais ferozes rivais de Walter Salles e seu "Ainda Estou Aqui" na briga pelo Globo de Ouro. O misto de drama e thriller de Rasoulof já soma 19 prêmios desde sua primeira projeção pública, em Cannes, em maio. Esse estudo sobre a metástase do fundamentalismo saiu de lá com o Prêmio Especial do Júri, o Prêmio do Júri Ecumênico e o Prêmio da Crítica. É um dos longas mais cotados para competir pelo Oscar de 2025, mas pode ser indicado sob uma perspectiva inusitada. Ao escolher anualmente um filme a ser submetido a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, almejando uma vaga na disputa estadunidense,

Irã sem cabrestos ou mordanças

Vetados pela censura em seu país, 'A Semente do Fruto Sagrado' e 'Meu Bolo Favorito' lutam por espaço (e prêmios) no circuito internacional ao expor a intolerância do patriarcado

Divulgação



'Zona Crítica' ganhou o Leopardo de Ouro de Locarno, em 2023

Divulgação



O eletrizante 'A Semente do Fruto Sagrado' ganhou três prêmios em Cannes ao expor a decadência patriarcal do Irã

se, as instituições culturais iranianas precisam passar por um crivo (leia-se "censura") de seus governantes, que reprova (em geral) as tramas avessas às imposturas políticas cometidas por seus gestores. O representante deles da vez se chama "In the Arms of the Tree", de Babak Khajepasha, que teve pequeníssima repercussão fora de suas fronteiras.

Verdades fraturadas

"Eu busquei criar um retrato que fratura as verdades impostas como regra, falando do quanto as mulheres resistem com bravura", diz Rasoulof, laureado com o Urso de Ouro da Berlinale de 2020 por "Não Há Mal Algum". "A manutenção de certas figuras no Poder no meu país vem sendo assegurada pela promessa de um lugar no Reino dos Céus".

O que fez "A Semente..." ser esnobado para a função estratégica de representar o Irã na Academia é a pressão de órgão governamentais iranianos contra o cineasta. Ele tem viajado pelo mundo sempre cercado de tensão, pois se encontra sob condenação estatal em sua terra natal, vivendo refugiado na Alemanha. Diante da boa recepção que seu longa vem tendo, os alemães (que coproduziram seu roteiro) não tiveram dúvida e escolheram-no para representar o audiovisual germânico na corrida aos Oscars. Em sua trama, um juiz entra em paranoia ao se sentir perseguido e começa a se voltar de forma violenta contra suas filhas e sua mulher.

"Venho de uma cultura submetida à tirania, pois o Estado Islâmico é capaz de tudo", disse Rasoulof em Cannes. "Por que meu

governo tem tanto medo das histórias que contamos?"

Aos 52 anos, o realizador, egresso de Xiraz, precisou fugir de sua casa, e partir para o Velho Mundo, para conseguir expressar sua voz autoral pelo planisfério cinéfilo. Seu passaporte foi confiscado pelas autoridades do Irã, que o considera uma ameaça à integridade nacional.

"Dei instruções à equipe para que terminasse o filme caso eu fosse preso. Quando a sentença de que eu seria detido saiu, fui para casa e me despedi das minhas plantas, depois dei um jeito de sair", explicou o diretor, que por já ter sido trancafiado antes conhecia meios não tão legais de escapar, por rotas alternativas que o levaram à Europa. "Este é um filme sobre doutrinação, sobre o que acontece quando você deixa alguém, ou alguma ideologia tomar conta de sua mente. Não tenho medo da intimidação".

Triste contexto

Igualmente patrulhado, "Meu Bolo Favorito" ("My Favourite Cake") brilhou na corrida pelo Urso de Ouro de 2024 e deixou a Berlinale com o Prêmio da Crítica e o do Júri Ecumênico. Há um triste contexto político por trás dessa trama outonal envolvendo dois septuagenários: uma viúva e um taxista. Seus diretores, a dupla Maryam Moghadam e Behtash Sanaechea (de "O Perdão"), foi proibida de viajar para a capital alemã por um veto das autoridades de seu país, o Irã. Eles são acusados de desafiar os códigos morais iranianos em relação ao uso de hijab, uma espécie de touca (com aspecto de véu), que cobre a cabeça feminina de forma bem justa. A interdição da presença de Maryam e Behtash foi recebida pela direção do Festival de Berlim como um atentado à arte. "Decidimos ultrapassar as restrições legais e pintar um retrato real das mulheres iranianas", disseram os realizadores numa carta lida diante da imprensa pela atriz e jornalista Lily Farhadpour, que protagoniza "Meu Bolo Favorito".

ENTREVISTA / MARTON OLYMPIO, ROTEIRISTA E CINEASTA

‘Os últimos sucessos no audiovisual sempre passam por dramas pretos’

Divulga

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Autor criador da série da Paramount+ “Anderson Spider Silva”, indicada ao Emmy, o carioca de Marechal Hermes (criado em Brás de Pina) Marton Olympio abre 2025 com dois projetos como cineasta para surpreender as telonas com a maturidade de seu olhar sobre as ancestralidades do povo preto brasileiro. Rodou o curta “Memórias Com Vista Pro Mar” e tem um longa, “5 Pretos e 1 Pardo”, para consolidar seu prestígio no posto de diretor, já testado e aprovado (lá fora e aqui) com “Mergulho”, dirigido em duo com Anderson Jesus. Dirigiu também “A Dona da Banca”, cujos episódios ainda não estrearam. No terreno da escrita do audiovisual, em scripts, a consagração dele está lavrada e sacramentada, vide seriados (“Cidade dos Homens”) e filmes (“Alemão 2”, “Sequestro Relâmpago”) que assina. O garoto do subúrbio que ensaiou um flerte com a prosa, aos 12 anos (“sonhava ser Fernando Sabino nessa época”), chegou aos 50 com a fama de ser um dos roteiristas de maior destreza dramaturgica do país. Cultiva a mesma (boa) reputação em sua atividade como professor/orientador de roteiristas, com especial destaque para seu trabalho no Laboratório de Narrativas Negras da Festa Literária das Periferias (Flup).

Nesta entrevista, Marton, neto de Seu Olympio, diz como a arte da palavra auxilia na direção.

Você tem dois filmes sobre memória(s) pela frente - “Memórias Com Vista Pro Mar” e “5 Pretos e 1 Pardo”, um curta e um longa - nos quais as recordações dos personagens trazem uma camada de afirmação da identidade negra. O que essa dimensão memorial reflete sobre ancestralidade e solidão?

Marton Olympio: Talvez eu nunca tenha percebido essa dimensão. No curta, o personagem que cobra essas memórias, num viés de culpa, tem pouco tempo para resolvê-las, pois está com 80 anos. Já em “5 Pretos e 1 Pardo”, a memória é mais recente e vem puxada por meio de um trauma: a morte de um dos personagens. Acho que essa

busca é uma forma de resolução desse buraco de ancestralidade que, nós, as pessoas pretas, temos. Em vez de trabalhar no viés da tragédia, no sentido dos finais infelizes, eu tento fazer com que todas as resoluções dos filmes, de certa forma, alcancem uma zona de conforto, de acolhimento. Eu quero drama, mas que ele não seja uma experiência dolorosa para quem assiste.

O quanto a escrita de roteiro te lapidou para a direção?

Ajuda muito e é um caminho. Toda vez que eu dou um curso de roteiro, ou oriento roteiristas em laboratórios, eu insisto que elas/es têm que entender a cena; saber cada movimento de cada personagem;



demarcar entrada e saída; saber o tom do diálogo; saber as roupas... Não falo de enquadramentos ou planos, mas da dinâmica da cena, dos atores em cena, da temperatura. É escrever filmando, imaginando cada cena. Já tive muito diretor que reclamava da quantidade de rubricas no meu roteiro. O/A diretor/a vai seguir do seu jeito, porque cada um/a sempre vai ter sua visão artística sobre o material, mas preciso ter a minha visão. Já ouvi diversas vezes pessoas lendo roteiro meu dizendo que já estavam vendo o filme, ali, no papel. É sobre isso. É como eu vejo. Existe uma grande diferença entre o papel e a produção, principalmente quando se trata de produções nacionais. O plano

de abertura do “Alemão 2”, dirigido pelo (José Eduardo) Belmonte, é bem diferente do que eu escrevi, e, particularmente, acho bem melhor.

Você assina um dos maiores êxitos nacionais do streaming, a série “Anderson Spider Silva”, o “Rocky Balboa” do Brasil. O quanto esse projeto testa a potência brasileira para as demandas das plataformas digitais?

Eu acho que as três indicações internacionais para prêmios do “Spider” mostram a potência da nossa dramaturgia. No Emmy, concorreremos com uma série alemã, uma inglesa, uma japonesa... e nem imagino a verba por episódio de cada uma delas. Mesmo assim,

estávamos lá, concorrendo no terreno das ideias, da dramaturgia, do roteiro, da criação... e se tratando de uma série que não era da Globo. Há uma mensagem aí, de que dá pra fazer. Pensar no “Spider” como série pop foi algo que fizemos desde o início. E o mais louco: muito de tudo aquilo é baseado na vida real de um herói negro de carne e osso.

Sua luta antirracista - expressa na frase “Vai ter preto por todo lado”, usada em suas redes sociais - deu uma identidade muito característica (e política) à sua dramaturgia.

No cinema, em geral, estamos tendo uma retração. Não quer dizer que o espaço esteja diminuindo, ponto, mas também não está crescendo mais - não na velocidade que crescia há três ou quatro anos. De certa forma, o sarrafo ficou mais alto, a exigência ficou maior, e o mercado se retraiu. Precisamos ficar atentos a isso, pois, nesse jogo, não podemos voltar casas. Essa dramaturgia negra é a cara da nova dramaturgia brasileira. Os últimos sucessos no audiovisual, no streaming, novelas e até no cinema, sempre passam por dramas pretos.

Qual foi a primeira manifestação de discurso racial da TV ou do cinema que chamou a sua atenção na sua formação?

Talvez eu venha de uma geração anterior a essas influenciadas de um cinema negro. Com certeza, Spike Lee me impactou muito quando eu vi “Faça A Coisa Certa” ainda no século passado, mas, ali, eu já era um adolescente e já havia bebido muito Coppola, Scorsese e, principalmente, Spielberg. Talvez por isso, eu seja tão fã do Jordan Peele (o diretor de ‘Corra!’ e ‘Nós’) hoje. É engraçado como as coisas são. Meu avô, Seu Olympio, que me emprestou seu sobrenome, era muito fã de um filme chamado “O Homem do Sputnik”, que foi escrito por um roteirista negro, Cajado Filho, talvez o primeiro cineasta negro brasileiro. Vi esse filme muitas vezes com seu Olympio. Com certeza, foi uma grande influência.

CRÍTICA / FILME / JURADO Nº 2

A excelência no banco dos réus

Claire Folger/Warner Bros



O repórter alcoolista Justin Kemp (Nicholas Hoult) pode ser responsável pelo crime que avalia num júri

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dois meses antes de assumir o manto (e a Magnum .44) do tira Dirty Harry em “Perseguidor Implacável” (1971), Clint Eastwood fez sua estreia como cineasta ao lançar “Perversa Paixão”, que custou US\$ 960 mil e faturou US\$ 10,6 milhões. Estreou falando de desatinos, ao narrar a tensa relação de uma ouvinte com seu radialista favorito, mediada pela canção “Misty”. Num dado momento do roteiro, o personagem de Clint (que dirigia e atuava, como fez numerosas vezes) se pergunta que responsabilidade teria sobre o descontrole emocional (nas raias da violência) de uma fã aparentemente apaixonada.

Essa hipótese de um potencial fardo se estendeu por uma série de filmes rodados pelo (hoje nonagenário) astro. Até Will Munny, o pistoleiro famoso por “matar homens, mulheres, crianças e tudo o que se arrasta sobre a terra”, no oscarizado faroeste “Os Imperdoá-

veis” (1992), nalgum momento se pergunta sobre o quão responsável era pelo ódio que o movia. Em “Menina de Ouro” (2004), pelo qual Eastwood ganhou seu segundo Oscar de Melhor Direção, o treinador Fran Dunn (interpretado por ele) tomava decisões trágicas - tomado pelo senso dessa tal responsabilidade tão cara ao realizador -, zeloso pelo bem-estar da pugilista Maggie (Hillary Swank).

Culpa é, portanto, uma sina que alimenta a dramaturgia filmada por esse multiartista dos anos 1970 até “Jurado nº 2” (“Juror #2”), hoje na Prime Video. Seu novo (e eletrizante) longa-metragem faz do substantivo tão precioso para seu cineasta, “culpa”, o objeto de suas reviravoltas.

Eleito um dos dez melhores filmes de 2024 segundo o National Board of Review, o misto de suspense jurídico e drama existencialista ambientado em Savannah, na Geórgia, é um tratado humanista sobre direitos, deveres, atos e consequências. Nenhuma figura em cena se limita a um arquétipo, numa estrutura dramática (madura) que foge do maniqueísmo. Todos têm as fragilidades ex-

postas, sendo que algumas fraquezas ficam mais evidentes e outras são tratadas com sutileza, no traço de uma Comédia Humana na qual a vaidade e a incerteza são fantasmas presentes. A dúvida é o espectro que quiza o protagonista, o jornalista Justin Kemp (Nicholas Hoult, em brilhante atuação). O repórter é alcoolista e anda às voltas com a possibilidade de ter atropelado uma jovem, que morreu enquanto fugia do namorado agressor.

A chance de tê-la matado povoa sua mente enquanto assume a tarefa de integrar um júri para julgar o caso da morte da moça, que tem o tal namorado como réu. A cada dia de deliberações do coletivo incumbido de analisar o caso, Justin põe em dúvida suas atitudes na noite em que a vítima foi morta. Noite em que estava bêbado e conduziu seu carro embriagado. Hoje, ele preserva sua sobriedade nos Alcoolistas Anônimos (AA), sobretudo sob os conselhos de seu padrinho, Larry (Kiefer Sutherland, o Jack Bauer de “24 Horas”). Estar sóbrio, entretanto, não expia sua angústia de ser (possivelmente) o culpado. Ao

perceber os pré-conceitos de seus e de suas colegas, as juradas e os jurados, mobilizados por uma promotora de verve justiceira (a sempre inspirada Toni Collette, que foi mãe de Hoult em “Um Grande Garoto”), Justin cai mais fundo no fosso do tormento.

Esse buraco já foi explorado por Eastwood antes, em “Sobre Meninos e Lobos” (2003). Havia um feminicídio lá também, mas o contexto era outro: o pai da vítima suspeitava de que um de seus melhores amigos seria o assassino de sua filha. Apesar da diferença de enredo, os dois longos compartilham o interesse pelos pactos de silêncio que circundam fardos, num ranço do processo civilizatório. As rachaduras nos códigos que tornam um indivíduo civilizado sempre se fizeram notar no cinema de Eastwood e voltam à tona nesta produção de US\$ 35 milhões, cuja base é um argumento do dramaturgo Jonathan Abrams.

Coadjuvante, o policial aposentado Harold (J. K. Simmons, que quase toma o filme para si), vai alargar os dilemas de Justin (e os nossos) ao questionar a forma como o caso é conduzido pela promotora, dada a ambição da advogada Faith Killebrew (o papel de Collette, bem dublada por Monica Rossi) para condenar o potencial suspeito. Ela tem fome de veredictos implacáveis, pois estes podem lhe garantir a promoção profissional tão esperada. O custo desse sucesso, contudo, é alto.

Parceiro habitual de Eastwood de 1977, Joel Cox assina a montagem de “Jurado Nº 2”, o que assegura o equilíbrio entre tensão e reflexão. Yves Bélanger assina a fotografia, buscando um tônus claustrofóbico nos enquadramentos, sempre com cores rebuscadas. Essa claustrofobia é sintoma comum a muito do que Clint filmou, mesmo em registros dissociados do crime (vide o sublime “Bird”, de 1988), e ilustra o apreço dele por almas em condições de opressão, mesmo aquelas que são oprimidas pela própria consciência, como a dona de casa (Meryl Streep) às voltas com o amor extraconjugal da obra-prima “As Pontes de Madison” (1995) ou o ladrão que testemunha um assassinato em “Poder Absoluto” (1997). Cada indivíduo desse é um tijolo no edifício da autoralidade de um contador de histórias capaz de dialogar (nas raias da excelência) com a tradição hollywoodiana de gênero, temperando cada filão com suas inquietudes.

Um dos filmes mais sólidos do ano, “Jurado nº 2” chega ao Brasil pelo streaming da Amazon, com uma dublagem primorosa, a se destacar o desempenho de Philippe Maia como a voz nacional de Hoult.

A maior diversão nas menores telas

Cults com astros badalados ou com cineastas de prestígio ficam sem espaço no circuito e encontram lar nas plataformas digitais, incluindo 'Dahomey', o Urso de Ouro de 2024

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ganhador de dois Oscars de melhor direção e titular de bilheterias astronômicas dos anos 1960 até 2021, quando estreou "Cry Macho", Clint Eastwood não conseguiu espaço em circuito para lançar "Jurado nº 2" (leia a crítica na página ao lado), que hoje pode ser alugado ou comprado no Brasil na Prime Video, o streaming da Amazon. Outros títulos aclamados pela crítica não vão encontrar terreno nas salas de exibição do Brasil, nem o ganhador do Urso de Ouro do Festival de Berlim de 2024, "Dahomey", da diretora franco-senegalesa Mati Diop, que desponta entre os potenciais concorrentes ao Oscar de Melhor Documentário de 2025. Projetado na Mostra de São Paulo, o longa-metragem (que mapeia o regresso ao lar de relíquias do Benin surrupiadas por colonizadores europeus) está há uma semana na grade da MUBI. Plataformas digitais como o www.mubi.com hoje se tornaram a vitrine primeira (e, por vezes, definitiva) de filmes que foram concebidos para as telonas.

Existe o caso dos Originals, termo aplicado a longas que são produzidos por um streaming para ser uma atração exclusiva de sua grade, sem poder ser veiculado em outras mídias. Um (ótimo) exemplo o (hilário) "Querido Papai Noel" ("Dear Satan"), comédia com Jack Black lançada pela Paramount + na terça-feira. Um outro exemplo: "Um Tira Da Pesada 4: Axel Foley", com Eddie Murphy, feito sob enco-



A comédia romena *Não Espere Muito Do Fim Do Mundo* pode ser vista na Mubi



'Dahomey', o Urso de Ouro de Berlim, pode ser visto na grade da Mubi



Sean Penn salva vidas numa Nova York caótica na ambulância de 'Cidade de Asfalto', atração na Amazon Prime

menda da Netflix. Não é esse o caso de "Não Espere Muito Do Fim Do Mundo" ("Nu Astepta Prea Mult De La Sfârsitul Lumii"), do romeno Radu Jude, hoje na MUBI.

O novo longa do diretor de "Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental" (Urso de Ouro de 2021) ganhou o Prêmio do Júri do Festival de Locarno, na Suíça, em 2023, e integrou uma série de listas de associações de críticos (como o Top Ten

da "Cahiers du Cinéma"). Mesmo assim, não conseguiu estacionar em salas de projeção. Sua atriz, Ilinca Manolache, tem um desempenho em estado de graça nesse estudo sobre o sucateamento das relações laborais, centrado no empenho de uma produtora em filmar pessoas que sofreram acidentes de trabalho.

Exibido no Festival de Cannes em 2023, na briga pela Palma de Ouro, "Cidade de Asfalto" ("As-

phalt City"), um suspense sobre saúde pública nos moldes da série "Sob Pressão", dirigido por Jean-Sébastien Sauvaire, também ficou sem tela nos cinemas nacionais, apesar de ter Sean Penn no elenco, mas arrumou casa na Amazon Prime. Na trama, o jovem paramédico Ollie (Tye Sheridan) aprende com um veterano do estetoscópio (Penn) como é pesada a rotina de uma ambulância a serviço dos aci-

Fotos/wDivulgação



Pierce Brosnan estrela 'Charlie Em Ação' chega aqui em janeiro

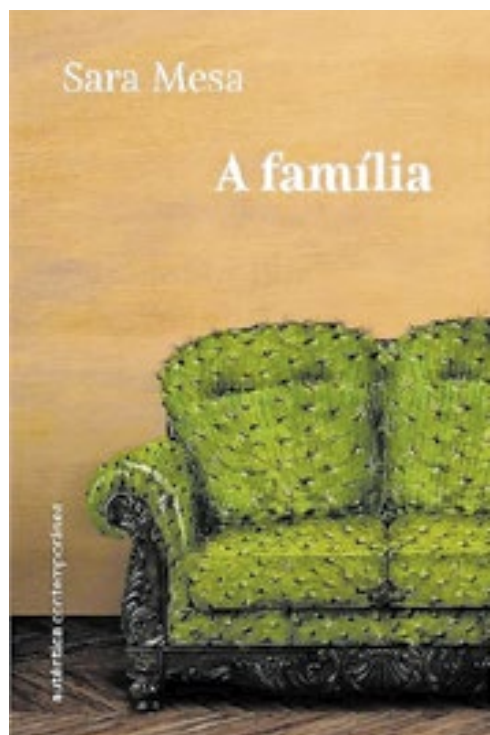
dentados e doentes de uma Nova York que não para.

A mesma Amazon Prime deu guarita a um documentário irônico, lançado há nove anos lá fora, mas nunca exibido em circuitinhos ou circuitões brasileiros: "O Invasor Americano" ("Where To Invade Next"), de Michael Moore. Nele, o realizador de "Tiros em Columbine" (2002) corre o planeta tentando "roubar" o melhor de países como a Finlândia, a Noruega e a Alemanha em termos de educação, sistema carcerário e política bancária, a fim de melhorar a vida nos EUA. Até Portugal entra na roda, numa sequência deliciosa acerca da questão da segurança garantida pela Polícia em território luso. Na jornada, a desilusão de Moore com sua pátria é enorme – e nos faz rir.

Especializado em thrillers, com astros pop do naipe de Nicolas Cage, Mel Gibson, Stallone e Dave Bautista, a plataforma Adrenalina Pura (<https://www.adrenalinapura.com>) está apinhada de iguarias que não puderam desfilas brutalidade por multiplexes. Em janeiro, vai estar por lá "Charlie em Ação" ("Fast Charlie"), de Phillip Noyce ("Jogos Patrióticos"), com Pierce Brosnan no papel de um assassino acochado. Por lá se vê um ferrabrás como Van Damme sentar o pé na cara alheia em "Colateral" (2023), assim como se pode apreciar um exercício autoralíssimo de Walter Hill (diretor de "48 Horas"), o exótico "Vingança" (2016), com Michelle Rodriguez e Sigourney Weaver.

O desafio dos resenhistas agora é gerar fortuna crítica para tanto filme bom.

Ainda a lista de Natal



Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Reta final das compras da época mais comercial do ano!!! Para fazer bonito no amigo oculto e na reunião da família, vale distribuir livros. E vão aqui alguns bons títulos.

Deslocamento, opressão, angústia – sensações que caracterizam algumas das obras da espanhola Sara Mesa – invadem o leitor que abrir “A família” (Autêntica Contemporânea, R\$ 64,90). Um homem faz de sua família um projeto de dominação. O mundo externo não pode modificar a ordem estabelecida por esse pai, que, no entanto, leva à criação de uma rede de mentiras, única maneira que a mulher e os quatro filhos têm para resistir dentro do ambiente de falsa felicidade imaginado pelo patriarca. Imaginado pelo patriarca. Lançado em 2022, o livro ganhou prêmios da crítica especializada em seu país.

Contos, crônicas, recordações, ficção ou memórias se complementam para criar a reflexão amorosa de um pai contemporâneo em “Literatura infantil – Cartas ao filho” (Companhia das Letras, R\$ 69,90), do chileno Alejandro Zambra. Como muitos homens de classe média da atualidade, a paternidade, para Zambra, não é

uma consequência social ou biológica natural, mas um momento de ruptura com a vida autocentrada – e que chega tardiamente, depois dos 40 anos de idade. Emoções que jovens pais experimentam, mas nem têm tempo para compreender diante das obrigações do dia a dia, são documentadas pelo escritor desde os vinte minutos de vida do filho, quando uma enfermeira comenta a dificuldade de respiração dos recém-nascidos. Ali, o enlevo do encontro com o bebê é transformado em preocupação com a responsabilidade por aquela crian-

ça, que, no colo do pai forma uma única sombra na parede, observa Zambra no primeiro dos belos textos que compõem um retrato terno da nova família.

Um retrato real de uma comunidade de mafiosos de Nova York, adaptado para o cinema por Martin Scorsese, “Godfellas – Os bons companheiros” (Darkside, R\$ 69,90), do jornalista Nick Pileggi, traz a trajetória de Henry Hill a serviço da família Lucchese, uma das mais poderosas da cidade. Depois de 30 anos na organização criminosa, Hill entrou para o pro-

grama de proteção a testemunhas e decidiu contar sua vida como trambiqueiro e criminoso profissional – de falsificador de documentos, a fraudador de corridas de cavalos, contrabandista e ladrão. Pileggi dividiu o roteiro do filme com Scorsese, que assina o prólogo do livro.

Mestre dos thrillers, a americana Tess Gerritsen explora um dos nichos literários mais recentes: o do grupo de espíões aposentados que volta à ativa quando um deles corre perigo. A espia (Faro Editorial, R\$ 59,90) é Maggie Bird,



frequentadora do Clube do Martini, que reúne outros ex-agentes da CIA, todos radicados em um lugarejo no interior dos Estados Unidos, para beber e discutir literatura. Quando um corpo de uma pessoa assassinada é deixado na frente da casa de Maggie, os amigos decidem investigar as causas, sem dar satisfações ou mencionar o passado de cada um para a chefe de polícia legal.

Organizado por Pedro Correa do Lago, “Iconografia baiana na Coleção Flávia e Frank Abubakir” (Cavivara, R\$ 195) traz raros e importantes representações pictóricas da Bahia entre os séculos XVII e XIX. A maior e mais importante coleção particular do país sobre o tema tem óleos, aquarelas, sketchbooks, gravuras, livros ilustrados e alguns dos primeiros mapas do Brasil. Primeira capital do Brasil colônia (até 1763), já havia sido visitada por artistas, navegadores e exploradores, que reproduziram em imagens paisagens e personagens. O livro, que enfatiza a diversidade de interesses dos artistas estrangeiros pelas terras e populações baianas, traz textos de sete especialistas que analisam as obras selecionadas. Flávia e Frank Abubakir iniciaram a coleção, iniciada há mais de vinte anos a fim de contribuir para a memória, a pesquisa e a preservação da arte que retrata a Bahia.

Samanta Toledo/Divulgação



Éclair

Tomás Rangel/Divulgação



Bar de Santo Antônio

Divulgação



Mercearia da Praça

Tomás Rangel/Divulgação



Empório Jardim

Rabanada:

tradição natalina que não pode faltar à mesa

Veja um roteiro com diversas opções do doce mais desejado das festas de fim de ano

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Feita com pão de forma mergulhado no leite, ovos e especiarias e depois frita até ficar dourada e crocante, a rabanada é um dos doces mais desejados para o Natal. Seja para saborear nas festas de final de ano ou aproveitar a temporada nos restaurantes, o Correio da Manhã fez um roteiro para quem curte a sobremesa desde a versão tradicional até opções com calda e recheios variados. Confira abaixo e aproveite:

BAR DE STO ANTÔNIO – A casa aposta na já conhecida e desejada rabanada com sorvete de iogurte, caramelo salgado, creme inglês e crumble (R\$ 48). R. Humberto de Campos, 827/B – Leblon. Tel: (21) 3518-0810.



Malu Mello Gastronomia

Divulgação



Cardin

CAFÉ CARDIN – A cafeteria, que possui lojas em Copacabana e no Leblon, apresenta um cardápio variado. E para a temporada natalina, a casa apresenta a ra-

Nay Dias/Divulgação



Hocus Pocus DNA

Divulgação

quem quiser levar o sabor afetivo das receitas criadas por ela para casa no Natal. Um dos itens mais pedidos nas encomendas e que faz sucesso há cinco anos é abanada (R\$ 19,50, unidade) feita com o macio pão da casa e cuidadosamente recheada com um cremoso doce de leite e especiarias. Rua Visconde da Graça, 51 – Jardim Botânico. Tel: (21) 2535-9862.

MALU MELLO GASTRONOMIA – A chef Malu Mello preparou para seu menu de Natal para encomenda as clássicas rabadas com creme inglês (R\$ 192 -12 unidades). Os pedidos podem ser feitos pelo whatsapp (21) 97362-2874 com entregas até o dia 24, às 13h.

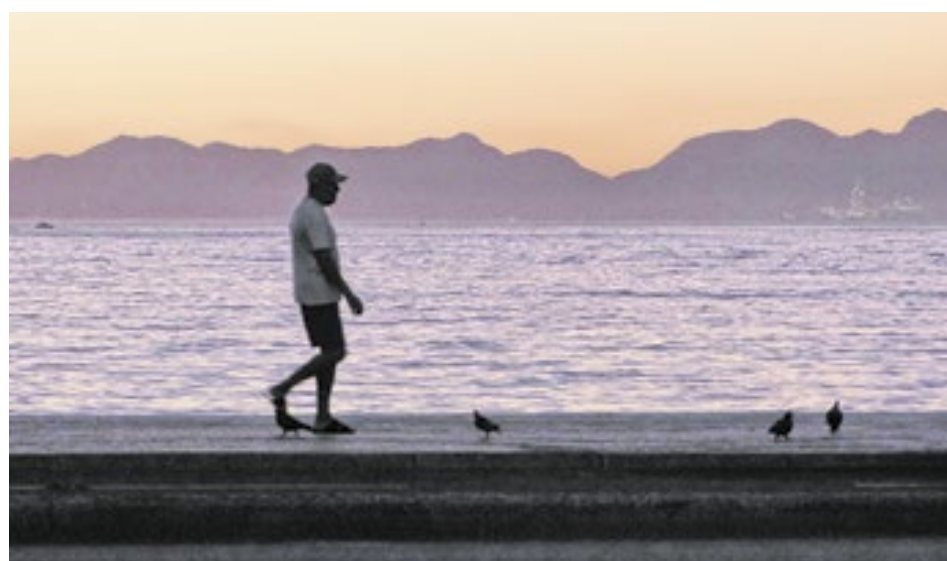
MERCEARIA DA PRAÇA - Entre os destaques de Natal do restaurante português estão: a Rabanada dos Sonhos (R\$ 32,90), com massa leve, aerada e recheio de creme de confeiteiro, remetendo à memória afetiva dos sonhos de padaria. Já a Rabanada Tradicional (R\$ 28,90) ganha um toque especial com calda de redução de vinho do Porto, servida também quentinha e cheia de sabor. Rua Jangadeiro, 28 - Praça General Osório - Ipanema. Tel: (21) 3986-1400.

HOCUS POCUS DNA - E este ano o bar mergulhou no espírito natalino com um menu especial disponível de 5 a 30 de dezembro, com releituras criativas de clássicos de Natal. Entre as sobremesas não podia faltar a tradicional rabanada. No bar ela foi reinventada e se tornou a Rabanoffee (R\$ 26) com camadas de doce de leite e bananas caramelizadas, com uma generosa dose extra de doce de leite para completar. Rua Dezenove de Fevereiro, 186 - Botafogo. Tel: (21) 3841-6554.

banada do Cardin (R\$ 13 - unidade). Ela é assada no forno e leva açúcar e canela. Rua Constante Ramos, 44 – Copacabana. Tel/delivery: (21) 96703-5262.

ÉCLAIR CAFETERIA E BISTRÔ – A chef Millena Sá preparou para a época a tradicional rabanada com açúcar e canela (R\$ 15). O cliente ainda pode adicionar doce de leite por mais R\$ 12. BarraShopping – Av. das Américas, 4666 - Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa. Tel: (21) 3556-9808.

EMPÓRIO JARDIM - A chef Paula Prandini preparou pratos deliciosos para



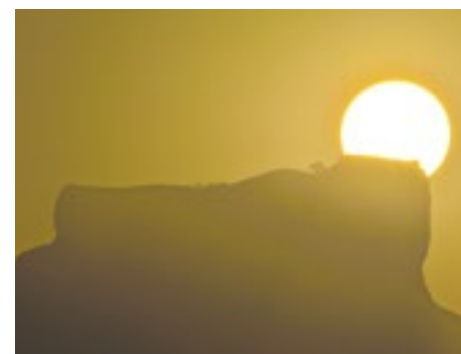
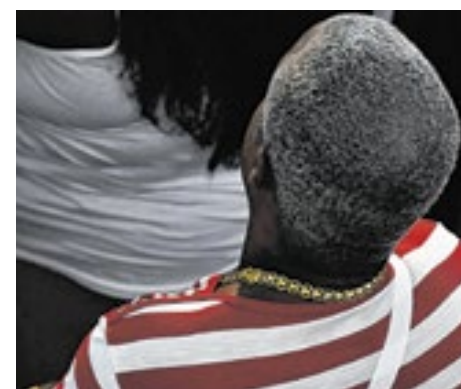
Retrô (perspectiva)

Já é Natal na... lembram do jingle composto pelo Tavito? Não, já é Natal no Correio da Manhã. Fim de ano chegando, novas promessas, novos objetivos e perspectivas para o ano que chega. São muitas matérias com previsões exotéricas e projeções, principalmente para a economia e política.

O novo ano será regido por Iansã, Xangô e Obá, orixás que representam os ventos e as águas em mudanças bruscas e rápidas e a renovação. A justiça, a força a liderança e a equidade. O amor profundo, as estratégias, a resiliência e a sabedoria, ou seja; tem tudo para dar certo.

Neste ano tivemos perdas irreparáveis com a partida de Carlos Leonam e Evandro Teixeira. O fotojornalismo e a fotografia brasileira ficaram meio órfãos. Tivemos vitórias esmagadoras que o digam os botafoguenses, acontecimentos incríveis como o reconhecimento pela Unesco dos modos de fazer o Queijo Minas Artesanal (QMA). Foram muitas coisas boas, muitas foto-crônicas nas edições de fim de semana e um sem-número de fotografias captadas, em momentos grandiosos, onde a natureza gritou por socorro, a mais forte tradução da expressão “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Então, com todo respeito e admiração que tenho por Simone, “é Natal”! Que seja luz e paz, que seja alegria e sucesso, que seja respeito e antirracista, que seja plenitude e resiliência. Que seja amar que seja amor.



Sem papas na língua!

Vulva Revolução: 10 anos de feminismo digital no Distrito Federal transformados em livro

Por Reynaldo Rodrigues

É curioso como, até pouco tempo atrás, os blogs eram um verdadeiro refúgio de identificação, para além das redes sociais. Essas plataformas online, de diversas vertentes, eram responsáveis por criar conteúdo de humor e elaborar quadros amplos de notícias, sem a rigidez do jornalismo formal. Mas, mais do que isso, também eram espaços criados para provocar. E é exatamente isso que o blog “Vulva Revolução”, iniciativa da jornalista e escritora Maíra Valério, sempre fez com muita qualidade: provocar.

Tudo começou como um espaço virtual para compartilhar sonhos, angústias, ideias e refle-



Divulgação

Blog feminista do DF vai se tornar livro pela editora negalilu

xões sobre o nosso tempo, a partir de uma perspectiva feminista e com textos ácidos, diretos e informativos. O site, que alcan-

çava de forma orgânica mais de 2 milhões de pessoas, ganhou corpo e se transformou em algo muito maior do que uma simples

página da internet. O projeto resultou em feiras, palestras, festas, rodas de conversa, publicações impressas, participações em

curadorias de eventos e muito mais, ultrapassando as fronteiras de Brasília.

Este ano, o “Vulva Revolução” comemora uma década de existência, com uma bagagem de ações realizadas de forma totalmente independente.

Da tela para o papel

Os conteúdos mais emblemáticos do “Vulva Revolução” serão publicados pela editora negalilu, de Goiânia (GO), que desde 2013 se dedica a democratizar o acesso à leitura e amenizar a invisibilidade da produção gráfica e literária fora dos grandes eixos. Com atenção voltada para a autoria sub-representada, a editora já publicou mais de 50 títulos.

A importância de defender os direitos

A obra já está em pré-venda com envio para todo o Brasil

O livro “Vulva Revolução” inaugura a coleção blobbloblo, que tem o intuito de organizar e publicar conteúdos relevantes que foram originalmente disponibilizados em blogs criados há mais de uma década. “Uma coleção assim nos auxilia na compreensão da cibercultura no nosso tempo, à medida que registra a motivação das blogueiras e dos blogueiros para tornar públicas informações, opiniões e ideias, assim como a escolha dos temas, a receptividade do público leitor

e o impacto disso na vida pessoal de quem lê e de quem escreve”, ressalta Lari Mundim, criadora da negalilu e idealizadora da coleção blobbloblo.

Para Maíra, a publicação é de grande relevância para os tempos atuais. “Vivemos, ainda hoje, em uma sociedade machista, LGBTfóbica, racista, discriminatória de um modo geral. Pesquisas têm mostrado como o ódio anda cada vez mais organizado e, dessa forma, sendo até mesmo monetizado



Thais Mallon/ Divulgação

Projeto é uma iniciativa da jornalista Maíra Valério

em redes sociais. Muitos são os perfis propagando ideias preconceituosas sobre comportamento e aparência de mulheres, por exemplo. Nesse cenário, torna-se fundamental um livro como o “Vulva Revolução”, que compila, resgata e divulga parte do material produzido em um blog feminista que se tornou também um projeto mais am-

plo. Os textos refletem sobre questões contemporâneas de modo acessível, colocando em foco temas como padrão de beleza, divisão sexual do trabalho, violência sexual e psicológica e outros — questões que atravessam pessoas de diferentes grupos sociais”, disse a autora.

Quando questionada sobre o que pode vir a seguir, Maíra

se mostra bastante otimista em relação à longevidade do projeto. “Eu espero que esse livro evidencie não somente a importância dos dez anos do blog como, ainda, faça o público lembrar a importância da difusão de ideias que defendam os direitos das mulheres e de outras minorias. E espero também que seja um material que alcance novas fronteiras, para além de quem já acompanhava o projeto”, finalizou.

Tour de lançamento

O livro será lançado em Brasília, hoje (20), no Barito, aconchegante ambiente LGBTQIA+ com drinks autorais. Em janeiro, será lançado dia 17, em São Paulo (SP), na Ria Livraria, que realiza encontros musicais e conta com apurada curadoria e acervo de edições raras. Em seguida, parte para o Rio de Janeiro (RJ), para lançamento dia 23 do mesmo mês, no pub Oscar Selvagem, um espaço acolhedor e inclusivo.

TEATRO

Melhores do Mundo encerra turnê

*A Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo apresenta em Brasília neste fim de semana e no próximo o espetáculo "Dingou Béus", encerrando a turnê nacional que celebra os 29 anos de história do grupo. A primeira sessão será neste sábado (21), às 19h e 21h30, no Espaço Cultural Caesb, em Águas Claras. Em seguida o espetáculo é apresentado no Teatro Royal Tulip, com sessões no sábado (28) às 17h30 e 20h e no domingo (29) às 17h e 19h. Os ingressos custam a partir de R\$ 50 e estão disponíveis no aplicativo ou site da Bilheteria Digital.

Curso de Teatro em Brasília

*O ator Brasiliense Bernardo Felinto, 39 anos, completa 25 anos de carreira em dezembro de 2025. Além de ator, Bernardo é roteirista, dublador, produtor e professor de teatro. Felinto iniciou sua carreira nos palcos aos 15 anos. Exatamente no ano 2000, o seu primeiro curso foi realizado no Teatro dos Bancários, lugar no qual se tornou a casa de Bernardo alguns anos depois com diversas peças de comédia. E o multiartista já abriu inscrições para alunos que queiram estudar no seu curso em 2025 até o dia 2 de janeiro.

Poema Muhlenberg

*Acostumada a realizar espetáculos acompanhada de estruturas de Bambu, a multiartista lançou-se ao desafio de conceber espetáculo solo com o uso de pequenos objetos da mesma matéria-prima. Surgiu então Artesania de Encanto, uma performance que se distingue das anteriores. As formas de bambu, segundo Poema, "oferecem as possibilidades de interação com o corpo e influenciam fortemente a dramaturgia que desenvolvemos com a Cia Nós No Bambu. Acontece no Espaço Cultural Renato Russo (CRS 508, W3 Sul), a partir de hoje (20).

FESTIVAL

Festival de Artes Buriti

*Oficinas, shows e exposição de 15 artistas visuais. O Festival de Artes Buriti que é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, chega para celebrar a Arte na região de Planaltina- DF. Após mais de seis meses



Melhores do Mundo encerra turnê nacional no DF

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Nathan Nascimento



Poema Muhlenberg estreia espetáculo

de curadoria, o evento vai mostrar a obra destes artistas, todos de Planaltina, e ainda contar com uma série de atividades de 20 a 22 de dezembro de 2024, sexta-feira a domingo, no Complexo Cultural de Planaltina. A abertura, dia 20/12, será às 20h. Haverá ainda oficinas no dia 21 de dezembro e show de encerramento no dia 22 do mês, às 19h, com Chicco Maxado, no local. Entrada gratuita. Livre para todos os públicos.

CINEMA

Projeto Multicultural

*Festival Multicultural de Cinema, está com as inscrições abertas para a mostra competitiva de curtas-metragens que serão exibidos em sua 3ª edição. O evento, com data marcada para março,

Divulgação

**Cine Pipoca no Rolê exibe curtas no Novo Gama**

Divulgação / André Severo

**Exposição Labirinto, de André Severo**

Divulgação

**Livro: "Siren Concreta"**

acontecerá no Teatro de Sobradinho. Interessados de todo o Brasil poderão se inscrever gratuitamente até o dia 15 de janeiro através.

Cine Pipoca no Rolê

✦ Levando a magia do cinema a quem tem pouco acesso, o Cine Pipoca no Rolê, projeto de extensão do curso de Audiovisual da Universidade de Brasília, apresenta seleção de curtas-metragens para a comunidade no Novo Gama. Os filmes serão exibidos na Kombi-casa itinerante, no dia 20/12, sexta-feira, às 17h, na parada 15 do município, com seleção diversa para crianças, jovens e adultos. Criado em 2021, o projeto é extensão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, coordenado pela professora Rose May Carneiro.

Divulgação

**Exposição "Ficções Corporais" estreia na internet**

Divulgação

**Festival de Artes Buriti celebra arte****Cine Clube Vale do Amanhecer**

✦ Viabilizado pela Lei Paulo Gustavo com o apoio da Secretaria de Economia Criativa do Distrito Federal, o projeto Cineclubes Vale do Amanhecer, em 2024, levou lazer e informação com ainda mais qualidade para a comunidade da região do Vale do Amanhecer, em Planaltina. O último encontro será neste sábado, com a exibição do filme "A Hora da Estrela", adaptação de livro homônimo de Clarice Lispector.

LITERATURA**Benefícios da literatura**

✦ Enquanto o mundo discute os crescentes desafios da saúde mental, uma ferramenta antiga e acessível ressurge como aliada poderosa: a literatura. Hoje

(20), às 17h, o Programa Educativo do CCBB Brasília realiza um bate-papo sobre o assunto com a doutora em educação especial e especialista em pedagogia, Fatima Ali Abdalah. O evento é gratuito e aberto ao público, mediante retirada de ingresso.

"Siren Concreta"

✦ A artista urbana Camilla Siren acaba de lançar o livro "Siren Concreta", que revela seus processos criativos e coloca a mulher como protagonista dos espaços que ocupa, e celebra dez anos de trajetória. Neste mês, artista esteve presente na feira Rabiscão Ilustrado e em ação no Caps AD II Itapoã, para o lançamento da obra.

EXPOSIÇÃO**Exposição Labirinto**

✦ Até 09 de fevereiro, a Caixa Cultural Brasília recebe a exposição Labirinto, do artista André Severo. Com curadoria de Marília Panitz, Labirinto é uma grande instalação baseada na desconstrução de uma série de imagens coletadas por André Severo há cerca de duas décadas e reelaboradas entre os anos pandêmicos de 2020 e 2021. A abertura aconteceu na última semana e a instalação fica em cartaz até fevereiro de 2025, com visita aberta de terça a domingo. A entrada é franca.

Exposição "Ficções Corporais"

✦ A partir da dança contemporânea e das artes visuais, o projeto "Sobre" investiga fabulações de corpos possíveis, com reflexão sobre o corpo feminino e as construções históricas e sociais que o atravessam. Com estes motes e mistura de linguagens artísticas, a artista e pesquisadora Déborah Alessandra criou a exposição "Ficções Corporais", uma mostra que busca criar um espaço de reflexão e diálogo sobre as diversas formas de apreensão do corpo, desafiando as lógicas sociais que o cercam e instaurando um pensamento de emancipação simbólica do corpo-território feminino. A exposição que estrou de forma presencial no Varjão poderá ser agora conferida até o dia 12 de janeiro de 2025 de forma on-line, com acesso para todos os públicos de qualquer local do Mundo. A visita ao site está adaptada para uso de aplicativo leitor de tela e disponibiliza audiodescrição das obras. Gratuito. Classificação livre.

Philippe é da Plebe

Vocalista conta em livro história da banda e da cena rock brasiliense dos anos 80

Por Mayariane Castro

É um calhamaço. Nada menos que 640 páginas de textos e fotos. E poderia ser maior: a versão inicial tinha 900 páginas. O livro, porém, conta uma histórica icônica. São as memórias do guitarrista e vocalista da Plebe Rude, Philippe Seabra, e da sua importância na história da cena rock brasiliense dos anos 80, que fez nascer também a Legião Urbana e o Capital Inicial, entre outras bandas.

“O Cara da Plebe” é o relato pessoal de Philippe Seabra, sobre sua trajetória, abordando não apenas os primórdios de sua carreira na música, mas também questões sociais e políticas de sua geração e de sua cidade natal. A publicação, que é mais que um simples regis-



Philippe: 640 de memórias sobre rock e muito mais

Divulgação

tro da história da famosa banda de punk rock brasiliense, se expande para reflexões sobre a arte, a educação e o Brasil das últimas décadas.

O livro de Seabra é dividido em quatro atos, sendo que cada um deles explora diferentes períodos de sua vida e da Plebe Rude. Para o autor, o mais desafiador foi escrever sobre a época do auge nos anos 1980, quando a banda alcançou destaque no cenário nacional e começaram as primeiras divergências internas. Contudo, ele revela que, ao contrário de alguns relatos de músicos sobre o tema, procurou tratar essa fase de forma respeitosa e sem ressentimentos.

Em entrevista ao Correio da Manhã, Seabra afirmou que, por muito tempo, não considerou a ideia de escrever suas memórias.

Música, fama, juventude e política

Reflexões são resumo dos últimos 40 anos do Brasil e Brasília

Foi somente após uma palestra a convite da vice-governadora do Distrito Federal, Celina Leão, em 2018, que Philippe Seabra se deu conta de que sua experiência de vida poderia gerar reflexões que valeriam a pena compartilhar.

O livro aborda desde os primeiros passos da Plebe Rude até o momento em que Seabra deixou o Brasil, após o fim da banda. A mudança para Nova Iorque, onde viveu por seis anos, foi um ponto de inflexão, es-

pecialmente em termos de seu crescimento pessoal e redescoberta da música. Para Philippe, o processo criativo do livro foi uma experiência inusitada. O planejamento para a obra começou ainda antes de se sentar para escrever, com ele discutindo o formato e as histórias com outros membros da banda e amigos próximos.

Segundo Seabra, a parte mais difícil foi estruturar e conectar todas as ideias, o que exigiu um trabalho minucioso



Capa do disco inicial da Plebe Rude

Divulgação

para garantir fluidez e coesão. A versão inicial que ele entregou à editora Belas Letras tinha 900 páginas, mas após a revisão, o livro foi reduzido para o formato final. “É bonito ver “a criança nascendo. Realmente escrever algo desse tamanho com o nível de detalhe e pesquisa não é para qualquer um mas também sempre es-

crevi muito, as letras da Plebe sempre foram grandes, algumas delas quilométricas”.

Década de ouro

Ao longo de “O Cara da Plebe”, Seabra também reflete sobre a relação da arte com a política e a cultura. Ele destaca a importância do rock de Brasília, movimento que teve um impacto

fundamental no rock brasileiro, não apenas pela qualidade musical, mas pelo papel que desempenhou na resistência política durante os anos de ditadura militar. O autor observa que a geração da qual fez parte, e que inclui figuras como Renato Russo, Arnaldo Antunes e outros ícones do rock brasileiro, utilizou a música como ferramenta de resistência e transformação.

Ele explica que, em Brasília, os jovens da sua geração sentiam que não havia limites para o que poderiam fazer, especialmente no campo da música e da arte. “O rock de Brasília se tornou um alicerce para o rock brasileiro”, afirma.

Em “O Cara da Plebe”, o autor também aborda questões mais amplas, como a relação da juventude com a política e a cultura, e o impacto da fama e da exposição pública. Mais que o relato de uma geração de músicos, é uma análise das transformações sociais no Brasil.

Feminismo digital é transformado em obra literária

PÁGINA 5



Melhores do Mundo encerra turnê em Brasília

PÁGINA 8 E 9



Philippe Seabra conta a história da Plebe Rude

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

'Sou Barítono com paixão'

Jorge Bispo/Divulgação

Após um ano de apresentações pelo Brasil e pelos EUA, Lulu Santos encerra turnê 'Barítono' com dois shows no Vivo Rio

Por Affonso Nunes

Lulu Santos encerra neste fim de semana sua turnê "Barítono". Serão duas apresentações neste sábado e domingo (21 e 22) no palco do Vivo, fechando uma série de shows pelo Brasil e nos Estados Unidos. Como não poderia deixar de ser, Lulu celebra seus 70 anos de vida e 50 de carreira com um repertório repleto de hits inesquecíveis.

Perguntado sobre o nome da turnê, Lulu abre o coração. "Admiti tardiamente coisas importantes sobre mim, entre elas o fato de ser um barítono, cantor de tessitura vocal grave. Desde que 'assumi' essa condição, facilitou enormemente minha vida e arte", explicou o músico na época do lançamento da turnê há um ano.



Lulu revela que o primeiro passo desse processo de aceitação de sua voz se deu em 2000. "Foi quando gravei e lancei o álbum 'Acústico'. Ali, por conforto e sabedoria, baixei um tom de boa parte do repertório e funcionou perfeitamente", recorda Lulu, um artista que sempre primou pelo extremo profissionalismo.

Agora, 20 anos depois, a chave virou de vez. "Percebi que se baixasse mais um tom, algumas canções voltaram a ser cantáveis sem sobressaltos ou esforço. A chave deste entendimento foi 'Esse brilho em seu olhar', do álbum 'O Ritmo do Momento' que nunca esteve tão confortável e dentro do meu alcance desde que a fiz em 1983", comenta.

"Sou Barítono com paixão, gosto dos graves, gosto de como minha voz soa nesta região. É com essa intenção e propósito que chegamos a este espetáculo no qual oferecemos, como de hábito, nosso melhor", acrescenta o músico, que no palco terá a companhia dos músicos Tavinho Menezes (guitarras), Hiroshi Mizutani (teclados), Jorge Aílton (baixo e vocais), Sérgio Melo (bateria) e Robson Sá (vocais e percussão).

No repertório, Lulu vai relembrar sucessos absolutos de sua vitoriosa carreira como "Toda Forma de Amor", "Um Certo Alguém", "O Último Romântico", "Sincero", "Adivinha o Quê", "Tempos Modernos", "Tudo com Você", "Sábado à Noite", "Condição", "Aviso aos Navegantes", "Assim Caminha a Humanidade", "Lua de Mel", "De Repente Califórnia", "Como uma Onda" e "A Cura", entre outros.

SERVIÇO

LULU SANTOS - BARÍTONO

Vivo Rio (Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) 21 e 22/12, sábado (21h) e domingo (20h)

Ingressos a partir de R\$ 60 (meia) e R\$ 120